



## Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

### **OS BRONZES DO MUSEU DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO: ALFINETES DE TOUCADO.**

SILVA, Maria Antónia

Ano: 1999 | Número: 109a

---

#### **Como citar este documento:**

SILVA, Maria Antónia, Os Bronzes do Museu da Sociedade Martins Sarmiento: Alfinetes de Toucado. *Revista de Guimarães*, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia, 1999, p. 561-586.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Os Bronzes do Museu da Sociedade Martins Sarmiento: Alfinetes de Toucado

Maria Antónia Silva\*

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, p. 561-586

## Introdução

Três anos após a fundação da Sociedade Martins Sarmiento<sup>1</sup>, isto é, em 1885, foi criado o embrião do que é hoje o Museu da referida Sociedade com o epíteto de “Depósito de objectos arqueológicos”<sup>2</sup>, local onde passaram a ser depositados todos os objectos exumados em escavações, com o objectivo de serem expostos ao público, contrariando, desta forma, o espírito de coleccionismo particular que vigorava na época.

Até aos nossos dias, o Museu, através da direcção da Sociedade, tem dado continuidade àquela intenção, estabelecendo a ligação ao meio, abrindo as suas portas ao público, onde incluímos o importante público escolar e prestando um verdadeiro serviço à comunidade científica ao permitir-lhe acesso ao acervo museológico e bibliográfico.

Este Museu é, sem dúvida, um lugar de memória de Martins Sarmiento, que se manifesta nos objectos por ele exumados e no riquíssimo conjunto de manuscritos e outros documentos que nos legou<sup>3</sup>.

As dinâmicas desenvolvidas e postas em prática pela S.M.S. têm funcionado como forma de tornar viva a presença de Martins Sarmiento e, simultaneamente, de a

---

\* Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Docente da Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

<sup>1</sup> Cfr. Cardozo 1950, p.408. A partir de agora para referirmo-nos à Sociedade Martins Sarmiento, passamos a utilizar a abreviatura S.M.S..

<sup>2</sup> Cfr. Cardozo 1950, p.409 e Silva 1997, p.12.

<sup>3</sup> Dos quais destacamos a fotografia através da qual vemos a forma de ele observar e sentir, v.g. Sarmiento 1992.

perpetuar. E a prova está na presente comemoração do centenário da sua morte, com a realização deste Congresso de Proto-História Europeia que nos leva a recordar, de algum modo, a “Conferência Arqueológica de 1877”<sup>4</sup>, promovida por Martins Sarmiento.

O interessante acervo arqueológico é, na sua essência, resultado das intervenções na paradigmática Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso. Porém, fazem parte desta colecção, outras peças arqueológicas provenientes de diferentes lugares do nosso país. A aquisição deste espólio disperso, resultou dos trabalhos de prospecção de Martins Sarmiento e dos contactos com outras pessoas, retratando, o interesse e a curiosidade por estas manifestações culturais.

Neste sentido, consideramos que a colecção do Museu da S.M.S., na sua globalidade, é o reflexo do espírito de abertura e de partilha com que Martins Sarmiento trabalhava. Aliás, esta postura manifestava-se, também, no diálogo e acompanhamento das doutrinas que se desenvolviam na Europa<sup>5</sup>, claramente visível na sua correspondência, nas teorias e interpretações formuladas no âmbito da Etnologia e da Arqueologia, enfim, na sua obra científica.

Sendo este Museu um dos mais representativos do Norte de Portugal, quer por simbolizar o magno papel de Martins Sarmiento para o conhecimento da cultura castreja, quer pelos numerosos e diversificados artefactos arqueológicos que alberga, é de extrema importância que se façam inventários temáticos e trabalhos de conjunto, destas colecções<sup>6</sup>, pois estamos certos que prestarão um importante contributo para a realização de estudos mais alargados e concludentes.

Nesta linha de pensamento, propomos, em primeiro lugar, e com base na consulta dos ficheiros do Museu, apresentar um levantamento global das peças de bronze depositadas neste Museu<sup>7</sup>, por forma a dar conhecimento da diversidade,

<sup>4</sup> Cfr. Silva 1997, p.11, onde se encontram referências bibliográficas complementares.

<sup>5</sup> O mesmo se verificava com os seus contemporâneos, Oliveira Martins, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso, Teófilo Braga, Rocha Peixoto Leite de Vasconcelos, Alberto Sampaio, nas áreas de «estudo da cultura, arte, literatura e linguagens populares, assim como da história social e da arqueologia...» Cabral 1991, p. 23.

<sup>6</sup> Dentro desta perspectiva, já realizámos o estudo da colecção de cerâmica castreja da citânia de Briteiros depositada no Museu da S.M.S. e editada pela própria S.M.S. (Silva 1997).

<sup>7</sup> A realização deste inventário já foi iniciado em 1991, no âmbito do Seminário de Metalurgia Castreja no Mestrado de Arqueologia da F.LU.P. e orientado pelo Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva. Cfr. Silva, 1991. Refira-se que neste inventário excluímos os machados, as pontas de lança e as alabardas (vitrina 3).

quantidade e respectivas proveniências. Em segundo lugar, apresentaremos um estudo, dos alfinetes de toucado que fazem parte desta colecção.

### **1. Os bronzes do Museu da Sociedade Martins Sarmiento**

Ao revelar-se uma colecção de bronzes bastante diversificada e numerosa, procedemos da seguinte forma:

– Iniciámos por uma consulta aos ficheiros<sup>8</sup> existentes no Museu que nos permitiu ficar com uma noção aproximada do tipo e quantidade de materiais de bronze existentes não só em exposição, vitrina nº9 mas, também nas reservas, para além dos desaparecidos ou não localizados.

Das fichas recolhemos as indicações seguintes<sup>9</sup>: tipo de peça, quantidade, número de catalogação, nome da estação, ano da escavação, localização no museu (vitrina ou arrecadação), uma pequena descrição tipo-morfológica e referência bibliográfica.

Desta primeira fase concluímos que existem muitos objectos de bronze depositados no Museu, alguns de proveniência desconhecida e outros de diversas localidades e estações arqueológicas, principalmente do Norte de Portugal.

Também são referenciadas numerosas peças que se encontram nas reservas, mais concretamente na gaveta 0.5. Não foi possível confirmarmos individualmente cada peça, porém, verificámos a existência de um numeroso e diversificado espólio que necessita de ser trabalhado, pese embora o facto, de alguns exemplares terem já sido estudados e divulgados, no âmbito de estudos mais abrangentes<sup>10</sup>.

A vitrina nº9 é elucidativa da quantidade e diversidade deste tipo de espólio, assim como, das proveniências (Quadro I e Est. I - Mapas 1 e 2).

### **QUADRO I Objectos de bronze expostos na vitrina 9**

<sup>8</sup> Na altura de ultimar este trabalho obtivemos a informação que os ficheiros tinham sido reorganizados, pelo que decidimos não pormenorizar os resultados estatísticos do nosso levantamento, como o já fizemos anteriormente (Silva 1991), por desconhecermos a actual organização.

<sup>9</sup> Muitas fichas encontram-se incompletas.

<sup>10</sup> Ponte 1984 e Silva 1986.



	Fíbulas	Alfinetes	Agulhas	Espelho	Prateira	Fálera	Campainha	Apliques	Placas de cinto	Diver.
Almeirim				1						
Apúlia		2								
Briteiros	73	31	4					3	3	13
Castro de Avelãs	8									
Chaves	1									
Guifões	1									
Mor. de Cónegos					1					
Picoto de St. Amaro	1									
Sabroso	40	9	2							5
Santa Comba	1									
S. Torcato						1				
Sendim										1
Senh.do Castelo								2	2	2
Urgezes							2			
Prov. desconhecida	1									

Fonte: Ficheiros do Museu S.M.S. e vitrina nº9, em 1991.

Como é evidente, o maior número de presenças são do concelho de Guimarães (Est. I - Mapa 2), mas, sobretudo, da Cíntia de Briteiros e do Castro de Sabroso, quer em exposição quer nas reservas.

Verifica-se que, de uma forma geral, as peças de bronze desta colecção relacionam-se com a vida quotidiana, de carácter doméstico, adornal e de *toilette*.

Dentro desta panorâmica, e como já dissemos, optámos por desenvolver, neste trabalho, o estudo dos alfinetes de toucado.

Considerando, porém, o âmbito em que este estudo vai ser apresentado, faremos uma abordagem preliminar, por forma a não tornar-se maçadora. Oportunamente divulgaremos a descrição individual de cada peça e completaremos o estudo analítico.

## 2. Os alfinetes de toucado

A colecção de alfinetes de toucado do Museu S.M.S. é constituída por alfinetes provenientes da Apúlia e de Guimarães, mais concretamente, da Cíntia de Briteiros e Castro de Sabroso. Como é natural, devido a um conjunto de circunstâncias a que estes foram submetidos, nomeadamente condições de exumação e acondicionamento, assim como, facilidade de oxidação e a fragilidade própria deste tipo de objecto, não permite, nalguns deles, decifrar claramente a decoração. Portanto,

distinguímos: fragmentos sem cabeça, 152 da Citânia de Briteiros<sup>11</sup>; de decoração imperceptível, 40 de Briteiros e 1 de Sabroso; alfinetes inteiros ou fragmentados com cabeça, 198 da Citânia de Briteiros, 26 do Castro de Sabroso e 2 da Apúlia.

### 2.1. Análise descritiva

Oa alfinetes de cabelo relacionam-se com o adorno do corpo e com a indumentária. Têm um carácter pessoal, a partir dos quais podemos imaginar as preocupações do dia a dia da mulher no que respeita à sua imagem, à sua beleza e no acompanhamento da moda.

Estes alfinetes de cabelo (*acus comatoria* ou *crinalis*)<sup>12</sup> serviam para segurar os longos cabelos, normalmente presos na nuca<sup>13</sup>, (Est. II)<sup>14</sup> ou auxiliarem as *ornatrix* na elaboração de complicados penteados<sup>15</sup> que, segundo Pierre Grimal, na época dos Flávios chegavam «...a formar um verdadeiro diadema, subindo sobre a cabeça e completando um trabalho bastante complexo de caracóis justapostos.»<sup>16</sup>.

Estes adereços são de extrema importância para a interpretação arqueológica porque a sua variedade morfotológica, é indicadora da moda e dos progressos técnicos<sup>17</sup>.

De acordo com as capacidades técnicas e matéria-prima disponível, os alfinetes podiam ser fabricados em osso, bronze, ferro<sup>18</sup> assim como em materiais mais nobres como marfim, prata e ouro<sup>19</sup>. Numa primeira fase, no Noroeste Peninsular, deverá ter sido um produto de importação, facilmente assimilado e integrado na *toilette* feminina.

<sup>11</sup> Note-se que, cada fragmento não corresponde, naturalmente, a um alfinete, mas na impossibilidade de os associar, optámos por individualizá-los.

<sup>12</sup> Considerados, também, como peças para fixar nas roupas. Alarcão e Etienne 1979, p.129, assim como para auxiliar a frisar, alisar, ondular, baixar ou elevar os cabelos Cfr. Daremberg e Saglio 1873, p.63.

<sup>13</sup> Penteado simples do período republicano. Cfr. Carcopino s.d., p.206-207.

<sup>14</sup> Apresentamos os nossos agradecimentos a Alberto Dias Ribeiro por amavelmente ter-nos feito a ilustração.

<sup>15</sup> Os penteados variaram ao longo do império romano, passando por penteados simples (risco ao meio e os cabelos presos em carrapito na nuca) até aos mais complexos (cabelos frisados, dispostos em diademas altos como torres), sempre com o auxílio das cabeleireiras (*ornatrix*).Cfr. Carcopino s.d., p.206-207.

<sup>16</sup> Cfr. Grimal 1995, p.129.

<sup>17</sup> Camps 1979, p.362.

<sup>18</sup> Cfr. Alarcão e Etienne 1979, Pl.XXIX e XXX.

<sup>19</sup> Cfr. Daremberg e Saglio 1873.

Desta aculturação resultou, certamente, a tentativa de fabrico local, passando a ser produzidos e distribuídos quer nas oficinas dos centros metalúrgicos quer pelos bronzistas itinerantes<sup>20</sup>.

O seu fabrico exigia algum domínio tecnológico e metalúrgico. O recurso a moldes de pedra<sup>21</sup> e de argila<sup>22</sup> poderá estar na base da clara unidade morfológica e estilística, entre estações arqueológicas de Portugal e Galiza, observadas analogicamente, a partir de bibliografia disponível. Todavia, são manifestamente visíveis características com cunho local e regional, patentes nas particularidades de cada exemplar, da colecção do Museu S.M.S..

As constantes imperfeições e defeitos de fabrico na decoração dos alfinetes de toucado, provenientes da Citânia de Briteiros, poderão reforçar o pressuposto, de que naquele povoado funcionou um centro produtor metalúrgico<sup>23</sup>, ao qual acrescentamos, também, a abundante quantidade de escória exumada durante as diversas campanhas de escavação.

A oxidação, o desgaste e a fragmentação dificulta-nos o conhecimento das dimensões reais, na maioria dos alfinetes. Refira-se, no entanto, que o comprimento máximo é de 10,7cm, em dois exemplares. As espessuras variam entre os 0,2cm e os 0,5cm, adelgaçando gradualmente para a parte inferior. A secção é circular, à excepção de três exemplares, dos quais um é misto (circular e quadrangular) e os outros dois quadrangulares.

As cabeças dos alfinetes são estilisticamente diversificadas permitindo-nos constituir grupos estilístico-tipológicos. A taxinomia utilizada corresponde a um exigência de sistematização mediante o levantamento e análise das peças, permitindo uma síntese geral do inventário realizado e teve por base, quando possível, a usada no estudo dos alfinetes de toucado de Conímbriga<sup>24</sup>.

---

<sup>20</sup> Almeida 1986, p.167.

<sup>21</sup> Castro do Coto da Pena.Cfr. Silva 1986, p.168, Est.LXXXIII,14 e Castro Coto do Mosteiro. Cfr. Orero Grandal 1988, p.12, fig. 23.3, Lám.XVIII.1. Para mais informações sobre a utilização deste tipo de moldes no fabrico de objectos de adorno consulte-se Rauret Dalmau 1976.

<sup>22</sup> No Castro do Coto do Mosteiro apareceram mais de 300 fragmentos de moldes de fundição, em argila para alfinetes. Orero Grandal 1988, p.8, Fig. 26 e 27.

<sup>23</sup> Silva 1986, p.192.

<sup>24</sup> Cfr. França 1968 e Alarcão e Etienne 1979.

Deste conjunto, verificámos uma diversidade decorativa e simultaneamente padronizada dos remates superiores dos alfinetes em relação a outras estações, como Citânia de Sanfins, Monte Mózinho, Santo Ovídio, a partir das quais notámos uma certa homogeneidade na sua morfotipologia estilística.

Como objecto de adorno feminino identificámos semelhanças entre o gosto artístico nos remates dos alfinetes e o da decoração do pé das fíbulas classificadas tipo Sabroso.

Não nos foi possível atribuir uma cronologia evolutiva, por não termos referências estratigráficas que nos permitam fazer análises contextuais, limitando-nos portanto, a um enquadramento cronológico mediante analogias realizadas entre materiais iguais e cuja proveniência está devidamente estratigrafada, apesar de não existirem muitos exemplares publicados para a área geográfica onde se enquadra a Citânia de Briteiros e o Castro de Sabroso.

## **2.2. Tipologia**

Mediante a variabilidade morfológica, procurámos organizar grupos -tipos que facilitassem a sua leitura e classificação. Para tal, tivemos como base a descrição de carácter geral de Daremberg e Saglio<sup>25</sup> e os estudos tipológicos de Elsa Ávila França<sup>26</sup>, Jorge Alarcão e Robert Etienne<sup>27</sup>.

Cada grupo define-se pelo elemento decorativo mais evidente, e pelas variantes, onde incluímos exemplares, cuja decoração não altera na sua essência o tipo definido.

### **A. Alfinetes de cabeça esférica** (Est. III nºs 1-32 e Est. IV nºs 33-62)

Neste grupo encontra-se o maior número de alfinetes distribuídos pelas suas variantes. Os nºs 1, 2 e 3 são os únicos exemplares de cabeça esférica simples, provenientes do Castro de Sabroso. O remate esférico pode assentar em um, dois e três anéis, representado por quinze exemplares de Briteiros (nºs 4-8, 12, 14-18, 22-24 e 26) e nove de Sabroso, (nºs 9-11, 13, 19-21, 25 e 27) com paralelos nas Citânias de Sanfins<sup>28</sup>,

---

<sup>25</sup> Daremberg e Saglio 1873.

<sup>26</sup> França 1968.

<sup>27</sup> Alarcão e Etienne 1979.

<sup>28</sup> Silva 1986a, Est. XX, nº 16.

de Santa Luzia<sup>29</sup> e no povoado de Santo Ovídio (Fafe)<sup>30</sup> em contextos arqueológicos datáveis dos finais do séc.I a.C. e meados do séc.I da nossa era e mais tardios, na fase III da Citânia de S.Julião<sup>31</sup>.

O nº 13 de Sabroso tem o anel decorado com incisões oblíquas. O diâmetro máximo das esferas é de 0,9cm e o mínimo de 0,3cm, no entanto o diâmetro que mais predomina é o de 0,7cm. O nº 21 está completo, apesar de mal conservado e tem 3,8cm de comprimento máximo.

De cabeça esférica com perfil tronco-cónico existem três exemplares (Sabroso nº 28 e Briteiros nºs 29 e 30).

Com um anel há trinta e dois, quatro de Sabroso (nºs 40, 42,53 e 61) e vinte e oito de Briteiros (nºs 31-39, 41, 43, 44-52, 54-60 e 62). Estes últimos têm paralelos na Citânia de Sanfins<sup>32</sup> e no povoado de Santo Ovídio<sup>33</sup>.

#### **B. Alfinetes de cabeça em calote esférica** (Est. V nºs 63-101)

Este tipo apresenta duas variantes. Numa, a calote esférica assenta num anel, dos quais temos dezasseis de Briteiros (nºs 64-66, 68-76, 78-81) e três de Sabroso (nºs 63, 67 e 77). Apenas um exemplar de Briteiros tem a calote esférica assente em dois anéis(nº81). e a do nº63 de Sabroso tem um pequeno orifício central.

A outra variante de cabeça em calote esférica mas de perfil tronco-cónico com anéis, está representada por dezoito exemplares de Briteiros (nºs 82-89, 91, 92, 94-101) e dois de Sabroso (nºs 90 e 93). Em relação a estes, encontramos semelhantes, no Monte Mozinho<sup>34</sup>, nas Citânias de Sanfins<sup>35</sup> e Santa Luzia<sup>36</sup> e no povoado de Santo Ovídio<sup>37</sup>, embora possam variar, sobretudo na quantidade de anéis.

#### **C. Alfinetes de cabeça cónica** (Est. VI nºs 102-121, Est. VII nºs 122-144 e Est. VIII nºs 145-151)

<sup>29</sup> Almeida 1990, Fig. XLIX, nº 10.

<sup>30</sup> Martins 1991, Fig. 24.

<sup>31</sup> De acordo com a tabela cronológica de Manuela Martins, corresponde à fase IV, período da Romanização. Cfr. Martins1988, Est. XXIII, nº 17 e Martins 1990, p.112-113.

<sup>32</sup> Silva 1986a, Est. XX, nº 17.

<sup>33</sup> Martins 1991, Fig. 46, nº 5.

<sup>34</sup> Soeiro 1984, p. 142, Fig. LVIII, nº 12. A autora enquadra-o nos finais da época Júlio-Cláudia.

<sup>35</sup> Silva 1986a, Est. XX, nº 14.

<sup>36</sup> Almeida 1990, Fig. XLIX, nº 8 e 12.

<sup>37</sup> Martins 1991, Fig. 24, nº 4.

Neste grupo interpretámos cinco variantes representadas por quarenta e seis peças de Briteiros, duas de Sabroso e duas da Apúlia, que utilizam na sua essência a figura cónica como elemento decorativo.

Deste modo, existem sete exemplares de cabeça cónica (n<sup>os</sup> 102-108), semelhantes a um alfinete de Sanfins<sup>38</sup> e a outro do Monte Mozinho<sup>39</sup>. Treze são de cabeça bicónica (n<sup>os</sup> 109-121), dois dos quais, os n<sup>os</sup> 109 e 120, provêm da Apúlia, com paralelos no povoado de Santo Ovídio<sup>40</sup>. De cabeça tronco-cónica existem dezasseis (n<sup>os</sup> 122-137), para os quais encontrámos análogos, igualmente em Sanfins<sup>41</sup> e em Santo Ovídio<sup>42</sup>. Para além disso, classificámos, ainda de Briteiros, oito alfinetes de cabeça bitronco-cónica (n<sup>os</sup> 138-145) e seis tronco-cónica oca<sup>43</sup> (n<sup>os</sup> 146-151), sendo os n<sup>os</sup> 149 e 150 de Sabroso.

O tronco de cone do n<sup>o</sup> 137 é encimado por uma pequena esfera. Os troncos de cone ocas têm cerca de 0,5cm (n<sup>o</sup> 145), 0,7cm (n<sup>o</sup> 148) e 1cm (n<sup>o</sup> 150) de diâmetro máximo e respectivamente 0,2cm, 0,3cm e 0,6cm de profundidade.

#### **D. Alfinetes de cabeça discóide** (Est. VIII n<sup>os</sup> 152 e 153)

Alfinetes com cabeça discóide temos dois exemplares de Briteiros (n<sup>os</sup> 152 e 153). O primeiro é semelhante a um de Conímbriga, da tipologia de Elsa Ávila França<sup>44</sup>. Esta autora, por sua vez, compara-o com o n<sup>o</sup> 95 de Beckmann que o data dos séculos I-II d.C.<sup>45</sup>.

O segundo, resta-lhe apenas a cabeça, que é constituída por dois anéis, um dos quais é decorado por incisões verticais e rematado por um disco com um pequeno orifício ao centro.

#### **E. Alfinetes de cabeça em botão ovóide** (Est. VIII n<sup>os</sup> 154 e 155)

<sup>38</sup> Silva 1986a, Fig. XX, n<sup>o</sup> 15.

<sup>39</sup> Soeiro 1984, p. 261, Fig. CXXXIII, n<sup>o</sup> 9, datável dos séculos I d.C e II d.C..

<sup>40</sup> Martins 1991, Fig. 24, n<sup>o</sup> 3, Fig. 51, n<sup>o</sup> 2 e Fig. 58, n<sup>o</sup> 3.

<sup>41</sup> Silva 1986a, Fig. XX, n<sup>os</sup> 18 e 19.

<sup>42</sup> Martins 1991, Fig. 24, n<sup>o</sup> 1.

<sup>43</sup> Estes troncos de cone ocas, a rematarem as cabeças dos alfinetes, fazem lembrar cones de fundição, ou vertedouro para metal fundido.

<sup>44</sup> França 1968, p. 87 e Est. II, n<sup>o</sup> 111.

<sup>45</sup> Cfr. França 1968, p. 88 e nota 1 para a referência bibliográfica da obra de Beckmann.

Da Citânia de Briteiros temos os dois únicos alfinetes com cabeça rematada em botão ovóide. O nº154 assenta em três anéis e o nº155 em dois anéis decorados com incisões verticais.

**F. Alfinetes de cabeça em balaústre** (Est. VIII nºs 156-166, Est. IX nºs 167-195, Est. X nºs 196-223)

Este tipo de alfinete, quantitativamente, é o que está mais representado, sessenta e seis de Briteiros (nºs 156-174, 176-221 e 223) e dois de Sabroso (nºs 175 e 222).

Considerámos neste grupo, os alfinetes mais ornamentados, de decoração mais complexa que, classificámos em balaústre. Porém, a sua configuração é diversificada e mesmo dentro dos mais semelhantes não encontramos um rigorosamente igual ao outro.

Para a sua determinação tivemos em consideração, o formato do toro principal e ou o remate extremo superior.

Assim, denominámos de balaústre vasiforme os nºs 156 a 166, cujo toro caracteriza-se por perfil em S, podendo ser rematados por pequeníssimas esferas e assentes em anéis. Os nºs 158 e 160 têm um anel decorado com incisões verticais. O pé do alfinete nº 159 é de secção quadrangular. Das escavações do Monte Mozinho e da sua Necrópole foram exumados dois alfinetes deste tipo<sup>46</sup>.

Os nºs 167 a 190 são de balaústre de toro alongado, de diferentes dimensões, com paralelos, no Castro do Barbudo<sup>47</sup>, Santa Luzia<sup>48</sup> e no povoado de Santo Ovídio<sup>49</sup>. Também, deste povoado<sup>50</sup>, encontramos dois alfinetes idênticos aos de toro bicónico da Citânia de Briteiros, com os nºs 191 a 195.

Quanto aos nºs 196 a 205, o balaústre está truncado.

Os nºs 206 a 220 têm o remate em esfera de diferentes dimensões. Dois anéis do nº210 estão decorados com incisões oblíquas.

<sup>46</sup> Soeiro 1984, p. 140, Fig. LVIII, nº 13, do Monte Mozinho e p. 295, Fig. CXXI, nº 2, da Necrópole.

<sup>47</sup> Martins 1989, Est. XLVII, nº 7.

<sup>48</sup> Almeida 1990, Fig. XLVI, nº 9 e nº 11.

<sup>49</sup> Martins 1991, Fig. 8, nº 8.

<sup>50</sup> Cfr. Martins 1991, Fig. 8, nº 7 e Fig. 43, nº 5.

Neste grupo enquadra-se, ainda, um alfinete de Sabroso, nº221, constituído por um toro quadrangular, com as arestas decoradas por incisões oblíquas, que separa três anéis na parte inferior e cinco na parte superior, encimado por um tronco de cone oco. Este alfinete tem 3,2cm de campo decorado. Nos restantes deste grupo, o campo decorado varia entre 1,7cm e os 0,6cm.

As cabeças dos alfinetes 222 e 223 são decoradas por uma sucessão de anéis.

#### **H. Alfinetes de cabeça indefinida (Est. XI nºs 224 e 225)**

Deste tipo existem dois alfinetes, um de Sabroso, nº224 e outro de Briteiros, nº225, relativamente bem conservados, mas sem qualquer tipo de decoração que defina a cabeça. Apresentam uma morfologia contínua, característica, também indicada para alfinetes de Conímbriga<sup>51</sup>.

O nº226 de Briteiros é um alfinete de espessura bastante fina, c. de 0,3cm, cuja cabeça é uma pedra hexagonal de quartzo, de arestas boleadas, para a qual encontramos um paralelo, na Citânia de Sanfins<sup>52</sup>, apesar de algumas diferenças<sup>53</sup>.

Nesta colecção inventariámos, ainda, quatro peças de Briteiros muito semelhantes aos alfinetes mas, para as quais atribuímos outra função. Uma delas, nº227, apresenta secção rectangular, com 0,4cm de espessura máxima e cabeça em forma de pinha. Para esta peça não encontramos paralelo dentro da bibliografia disponível, no entanto, parece-nos demasiado espessa e pesada para ser aplicada em toucado.

As outras três, nºs 228-230 (Est. XI), têm a configuração de alfinetes, decoradas com anéis transversais mas, rematadas por uma *ligulæ*<sup>54</sup>. Segundo Jorge Alarcão e Robert Etienne, estes instrumentos poderão ter servido para manipular

<sup>51</sup> Cfr. França 1968, Est. II, nºs 115 e 116.

<sup>52</sup> Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui Centeno referem a existência, de uma pedra de quartzo hialino de secção hexagonal com perfuração central, para aplicação de alfinete de bronze. (Silva e Centeno 1980, p. 68, Est. VIII, nº 8).

<sup>53</sup> A perfuração do nosso exemplar não é vasada e as arestas não são vivas.

<sup>54</sup> Termo latino utilizado por Jorge Alarcão para designar peças muito semelhantes às do Museu da S.M.S.. Cfr. Alarcão e Etienne 1979, p. 146-147 e Plan. XXXVI, nºs 256-260. Do Monte Mozinho parece-nos também, existir um exemplar análogo. Cfr. Soeiro 1984, p. 201, Fig. XCIV, nº 3.

cosméticos e líquidos espessos ou para sondar fístulas<sup>55</sup>. Esta última função é reforçada no catálogo “Los Bronces Romanos en España” onde encontramos aproximação morfológica em instrumentos de atribuição médica, denominados de *oricularium specillum* ou sondas de ouvidos, datados dos séculos I ou II d.C.<sup>56</sup>.

O espelho (*speculaum*), era e é um instrumento que faz parte do estojo de *toilette* e portanto, fundamental nos cuidados de beleza, principalmente durante o momento do penteado que, como nos descreve Pierre Grimal, «Todas as manhãs (...) um batalhão de criadas trabalham na obra-prima.», enquanto a senhora está sentada, «uma escrava tem diante dela um pesado espelho de bronze ou de prata polida»<sup>57</sup> que servia para acompanhar a evolução do penteado como, também, para denunciar um caracol fora do lugar ou um alfinete mal fixado<sup>58</sup>.

Neste sentido, decidimos incluir neste trabalho o único exemplar desta coleção (Est. XIII nº 231), que terá vindo de Almeirim<sup>59</sup>. É composto por um disco circular com sulcos concêntricos e pequenos orifícios ao longo do seu bordo, pela face externa. Está bastante fraturado. Encontramos paralelos nos Museus Arqueológicos de Córdoba<sup>60</sup> e Nacional (Madrid)<sup>61</sup>, sendo o primeiro datado da segunda metade do séc. I d.C., e ainda um outro muito semelhante, proveniente de necrópoles romanas dos distritos de Portalegre e de Évora<sup>62</sup>.

### **Considerações Finais**

Perante este *corpus* de alfinetes de toucado, impõe-se-nos uma reflexão. Concentremo-nos na Citânia de Briteiros.

Das cerca de quarenta campanhas arqueológicas, desde Martins Sarmento (1875-1884) até Mário Cardozo (1968), foram exumados 226 alfinetes com cabeça e 152 fragmentos sem cabeça, sugerindo-nos que o elemento feminino da Citânia de Briteiros assimilou com agrado a utilização do alfinete nos seus penteados, o que implica,

<sup>55</sup> Alarcão e Etienne 1979, p. 146.

<sup>56</sup> Los Bronces Romanos en España 1990, p. 338, nº 336 e p. 339, nº 338.

<sup>57</sup> Grimal 1995, p. 130.

<sup>58</sup> Carcopino s.d., p. 207-208.

<sup>59</sup> Almeirim/668.

<sup>60</sup> Com o nº 267 do Catálogo, Los Broces Romanos en España (1990).

<sup>61</sup> Com o nº 268 do Catálogo, Los Broces Romanos en España (1990).

<sup>62</sup> Ponte 1986, p. 120, nº 30.1.

necessariamente, imaginarmos a aprendizagem da técnica de utilização e a criatividade do toucado.

A apropriação destes novos hábitos na imagem feminina poderia funcionar como um factor de distinção da mulher, dentro da sociedade da Citânia, reforçando os sintomas de hierarquização social, perceptível na aquisição de objectos de luxo, designadamente, a sigillata e os vidros<sup>63</sup>, juntamente com outros registos arqueológicos<sup>64</sup>.

De facto, se tivermos em conta a extensa área escavada e a análise da distribuição de alfinetes, a partir da leitura dos relatórios, através dos quais verificamos que, durante a 21ª campanha em 1953<sup>65</sup> e a 22ª campanha em 1954<sup>66</sup>, apareceram nove alfinetes na primeira e vinte e dois na segunda, distribuídos apenas por um e dois sectores respectivamente, o que é, em nossa opinião, uma concentração significativa de alfinetes, e atendendo-se a que cada campanha ou sector não ultrapassava duas casas<sup>67</sup>, permite-nos colocar a hipótese, de nem todas as mulheres da Citânia usarem alfinetes no seu cabelo<sup>68</sup>.

Contudo, mesmo que, apenas algumas mulheres tivessem a possibilidade de usar alfinetes, não deixa de ser expressivo o número de presenças destes na Citânia de Briteiros, se compararmos a reduzida informação publicada para povoados coevos e com características organizacionais idênticas. Pelos paralelos que conseguimos estabelecer, esta peça de adorno surge em contextos arqueológicos da cultura castreja, datáveis dos finais do século I a.C. e meados do século I d.C.<sup>69</sup>, época Júlio-Cláudia,

<sup>63</sup> Alarcão 1992, p. 66. Curiosamente, nos relatórios de escavação da Citânia de Briteiros vem, com frequência, associado ao aparecimento de alfinetes, fragmentos de vidro, moedas e outros objectos de metal. A título de exemplo cfr. Sarmiento 1903, p. 61, 65, 115, 117.

<sup>64</sup> Nomeadamente na arquitectura, na escultura, na ourivesaria. (Almeida 1986).

<sup>65</sup> Cardozo 1953.

<sup>66</sup> Cardozo 1954.

<sup>67</sup> Refira-se que as plantas das casas da 22ª campanha eram redondas. (Cardozo 1954, p. 414).

<sup>68</sup> Também, nas referidas 21ª e 22ª campanhas arqueológicas, promovidas por Mário Cardozo, a exumação dos alfinetes de toucado continuam acompanhados de moedas, sigillatas, fíbulas, fivelas, contas de colar (Cardozo 1953 e 1954), isto é, continuam associados a objectos que simbolizam ostentação e poder de compra, por parte de alguns habitantes da Citânia de Briteiros (Alarcão 1992, p. 66).

<sup>69</sup> À excepção de um exemplar proveniente de S. Julião III, que corresponde a meados do século I e o século III da nossa era (Martins 1988, p. 123) e dois do Mozinho, em contextos datáveis do século I e II d. C. e outro da sua necrópole datável dos séculos I e III da nossa era (Soeiro 1984).

altura em que, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida «O “Romano” começa a ter prestígio»<sup>70</sup>, contribuindo para a emergência de elites<sup>71</sup>.

A quantidade de alfinetes de toucado, de bronze, da Citânia de Briteiros, também, deverá estar relacionada com a possibilidade de acesso à sua produção. Efectivamente, esta prática metalúrgica, na Citânia, tem já uma tradição tecnológica desenvolvida e organizada, manifesta nos numerosos e diversificados objectos de bronze, alguns deles inacabados, sugerindo a existência de um centro metalúrgico<sup>72</sup>, alentado pela existência de restos de fundição<sup>73</sup>.

Em relação aos alfinetes, estes parecem ser de fabrico artesanal, de carácter local, claramente visível nas imperfeições da decoração e, por vezes, no seu “achatamento” num dos lados, provavelmente, devido ao tipo e qualidade do molde.

De qualquer modo, a variabilidade estilística que encontramos, está sustentada na elegância e no pormenor da decoração, exigindo várias matrizes, o que é, por um lado, demonstrativo do desenvolvimento técnico de fabrico, e por outro lado, reflexo da permeabilidade dos gostos de influência externa, por parte do fabricante e do utilizador.

---

<sup>70</sup> Almeida 1986, p. 162.

<sup>71</sup> Alarcão 1992, p. 66.

<sup>72</sup> Cfr. Silva 1986, p. 192.

<sup>73</sup> Frequentemente são referidos nos relatórios de Martins Sarmento e Mário Cardozo, a existência de escórias de bronze e ferro, na Citânia de Briteiros.



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Est. I

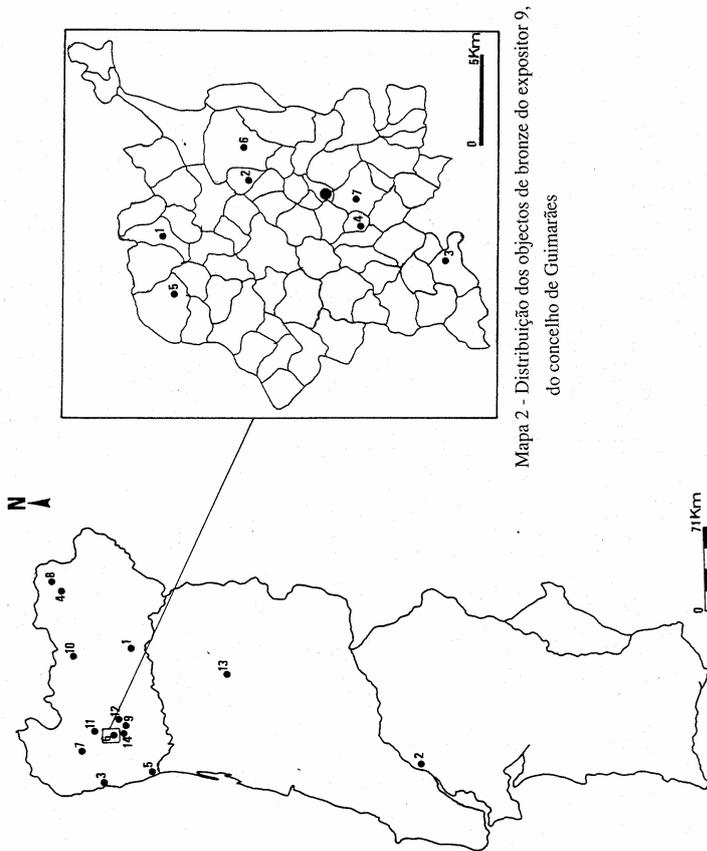
Legenda

Mapa 1

1. Alijó
2. Almeirim
3. Apúlia
4. Castro de Avelãs (Bragança)
5. Guifões (Matosinhos)
6. Guimarães
7. Joubreia (Caldelas)
8. Sacoias (Baçal - Bragança)
9. S.ª Comba (Regilde - Vizela)
10. S. Caetano (Chaves)
11. S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso)
12. Sendim (Felgueiras)
13. Senhora do Castelo (Mangualde)
14. Vizela

Mapa 2

1. Briteiros (S. Salvador)
2. Gominhães
3. Moreira de Cónegos
4. Picoto de St. Amaro (Mascotelos)
5. Sabroso (Longos)
6. S. Torcato
7. Urgezes



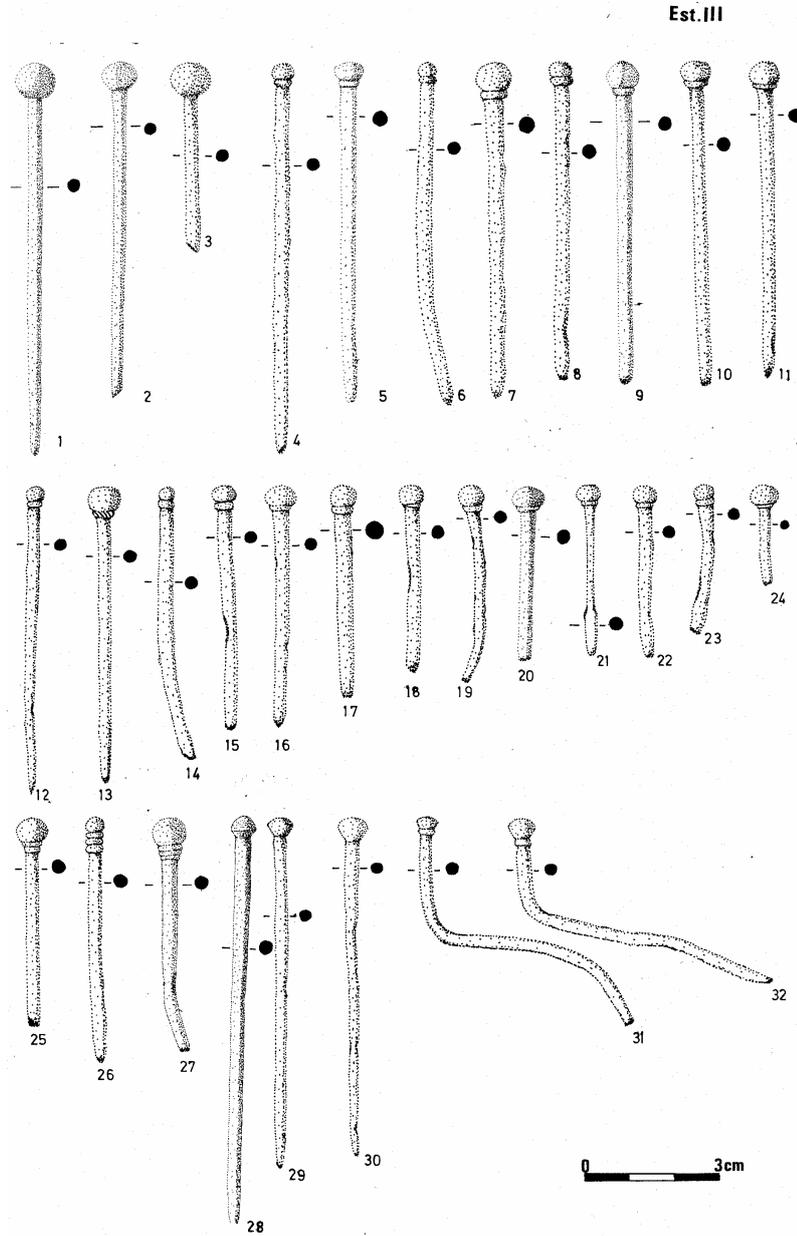


1. Hipótese da aplicação dos alfinetes no penteado.



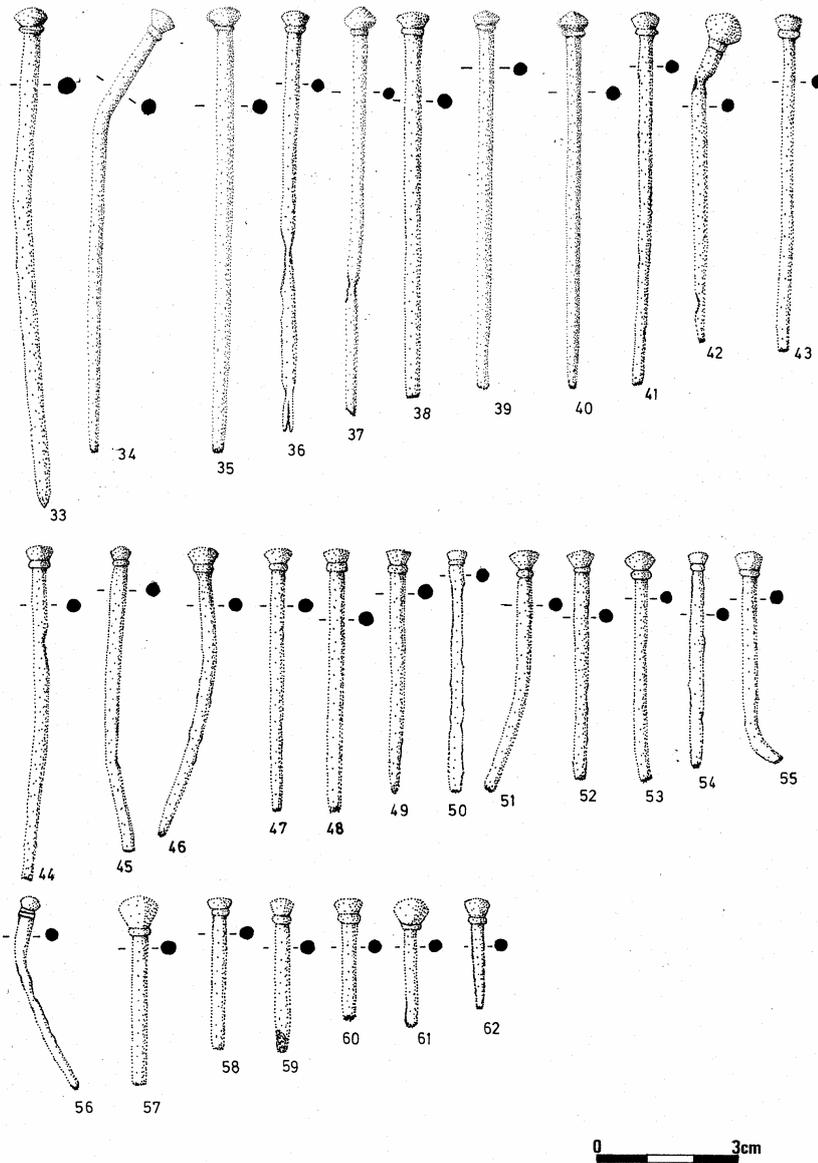
**casadesarmento**

centro de estudos do património



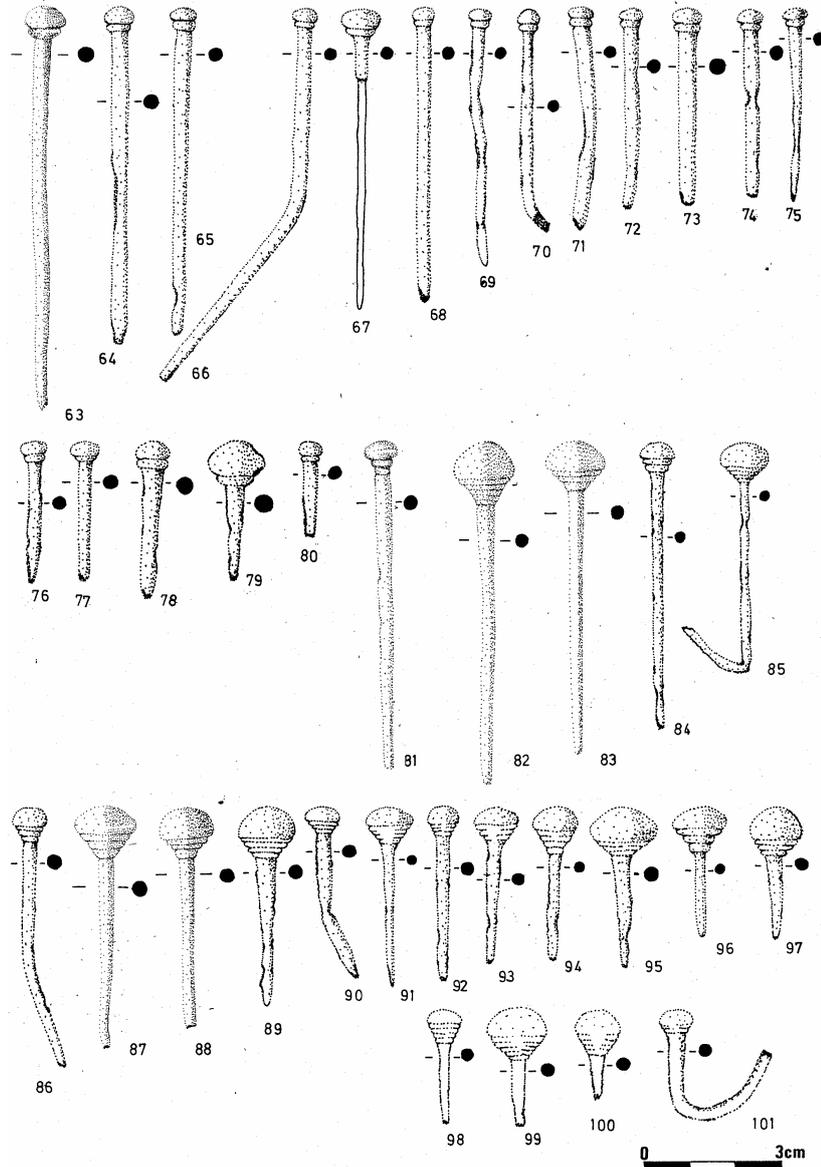


**Est. IV**



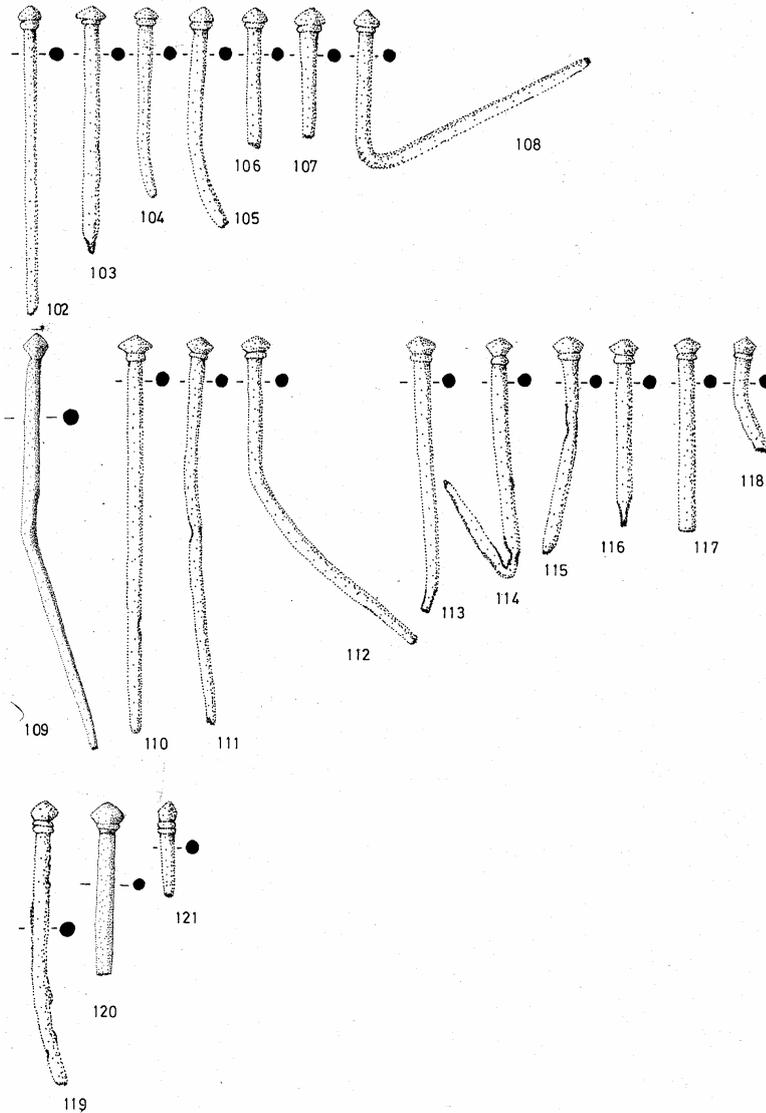


**Est. V**



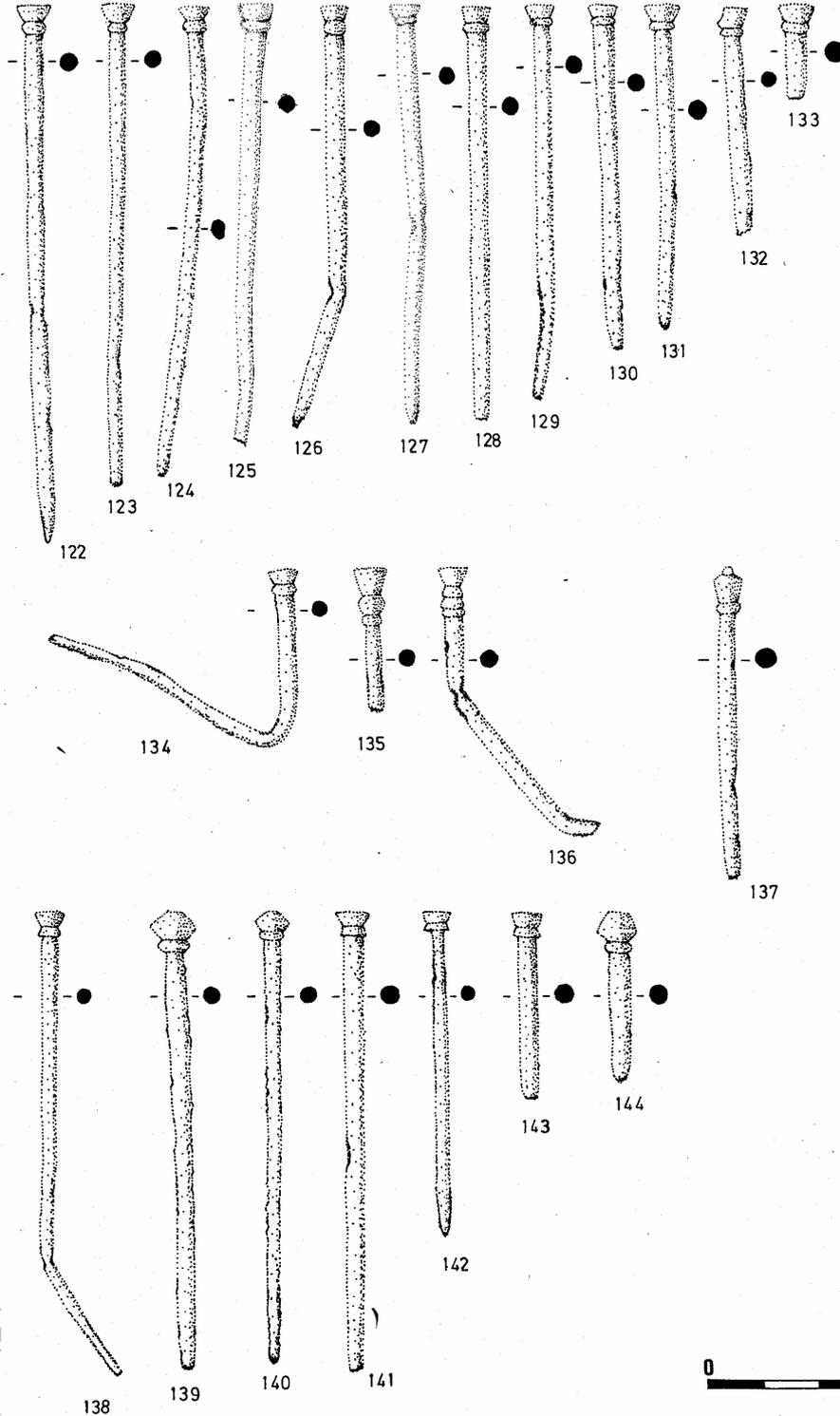


**Est. VI**



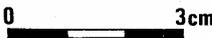


**Est.VII**



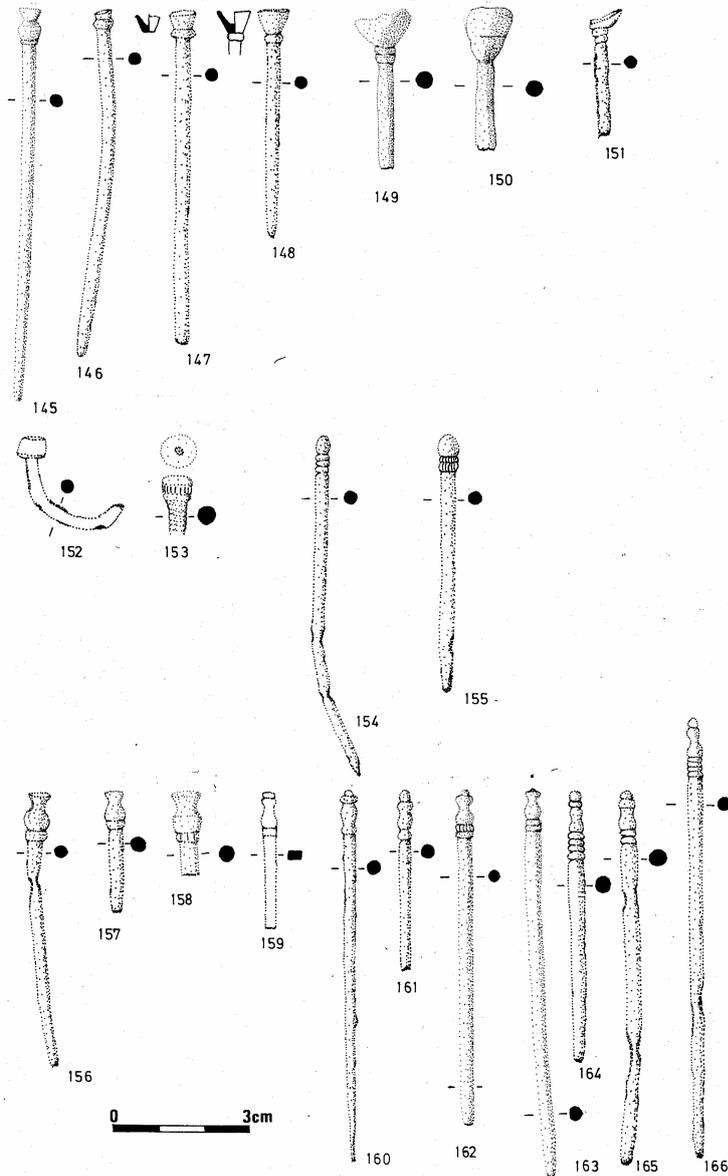
© M

21



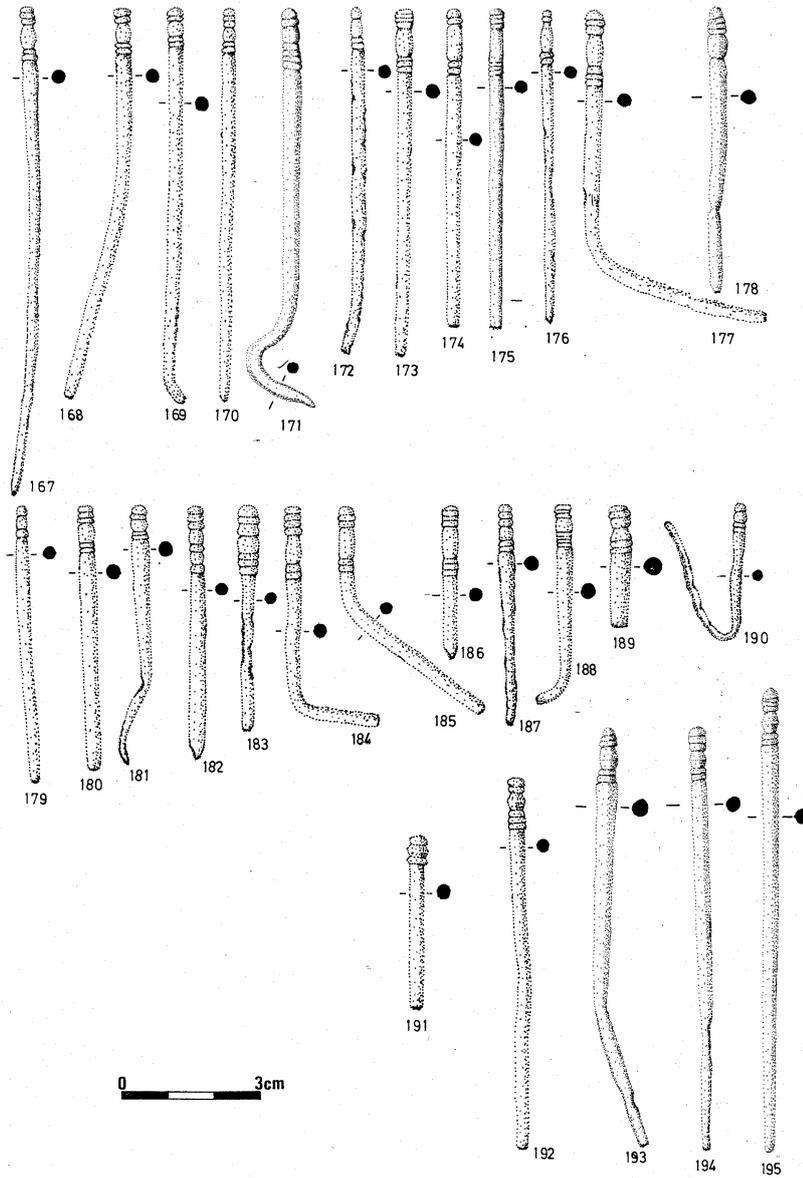


**Est.VIII**



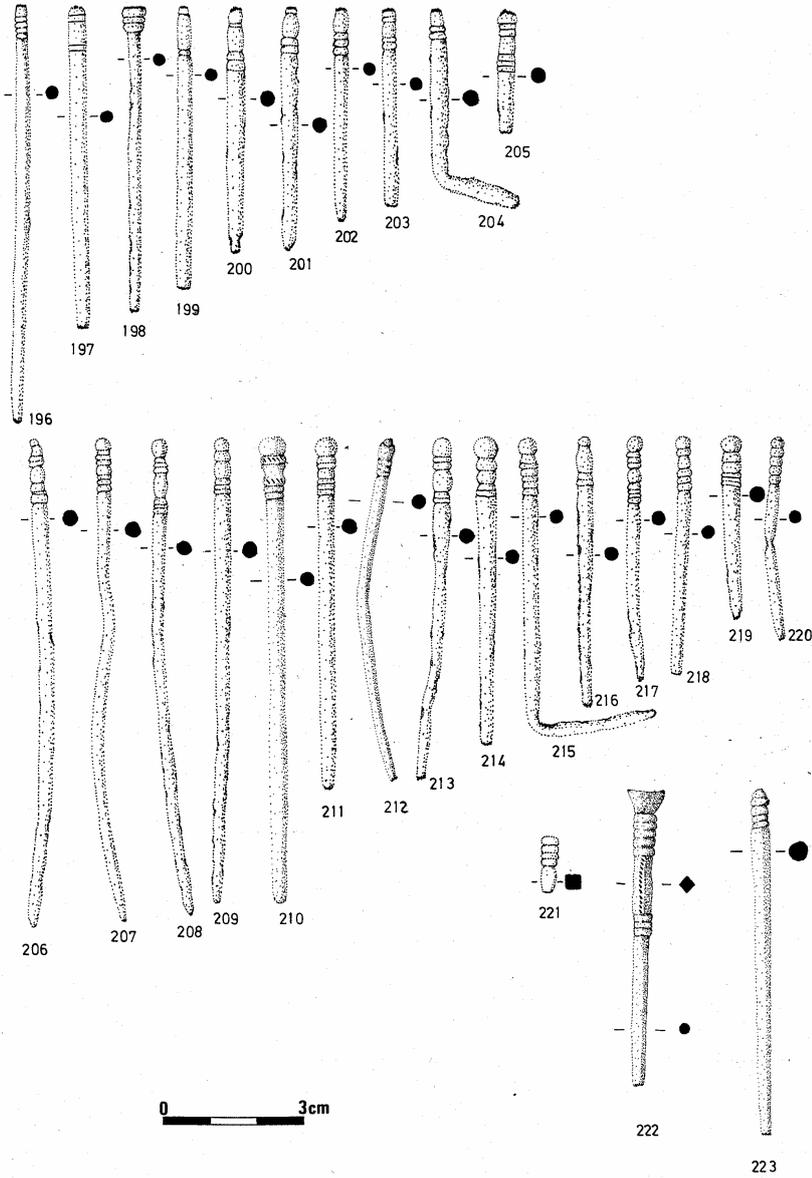


Est. IX





Est. X

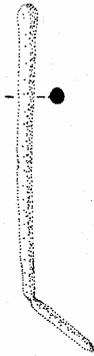




**casadesarmento**

centro de estudos do património

**Est. XI**



224



225



226



227



228



229

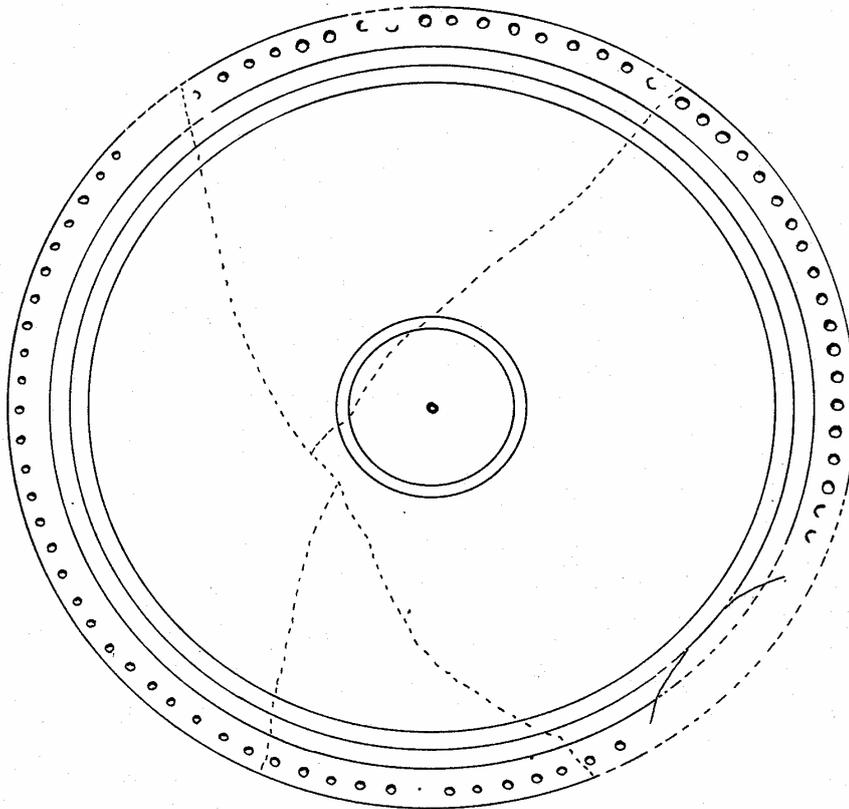


230

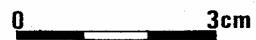




**Est. XII**



231



## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1992) - A evolução da cultura castreja. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Vol.XXXI, p. 39-71.
- ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (1979) - *Fouilles de Conímbriga*. Paris: Mission Archéologique Française au Portugal e Musée Monographique de Conímbriga, Vol. VII.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1990) - *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, Número especial 7/8.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1986) - Arte Castreja. A sua lição para os fenómenos de assimilação e resistência à romanidade. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Nº 13 (Junho), p. 161-172.
- CABRAL, João Pina de (1991) - *Os contextos de Antropologia*. Lisboa: Difel, Colc. Memória e Sociedade.
- CAMPS, Gabriel (1979) - *Manuel de Recherche Préhistorique*. Paris: Doin Éditeurs.
- CARCOPINO, Jérôme (s.d.) - *A vida quotidiana em Roma no apogeu do Império*. Lisboa: Livros do Brasil.
- CARDOZO, Mário (1943 a 1959, 1961 e 1968 ) - Escavações na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, vols. 53, 58-71 e 78.
- (1950) - Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, vol. 60, p. 405-437.
- (1980) - *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Notícia Descritiva*. 8ª ed.. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.

- DAREMBERG, MM. CH.; SAGLIO EDM. (1873) - *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris: Librairie Hachette et C<sup>a</sup>, Vol. I, p. 61.
- FRANÇA, Elsa Ávila (1968) - Alfinetes de Toucado, Romanos, de Conímbriga. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Letras de Coimbra, Vol. VII, p. 67-94
- GRIMAL, Pierre (1995) - *A vida em Roma na Antiguidade*. Sintra: Publicações Europa-América, Forum da História.
- GUIMARÃES, Francisco José Salgado (1980) - *Museu Martins Sarmiento. Secção de Indústrias Pré e Proto-Históricas. Guia Descritivo*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.
- LOS BRONCES ROMANOS EN ESPAÑA (1990). Madrid: Ministerio de Cultura.
- RAURET DALMAU, Ana Maraia (1976) - *La Metaturgia del Bronce en la Peninsula Iberica durante la Edad del Hierro*. Barcelona: Instituto de Arqueologia Y Prehistoria da Universidad de Barcelona, nº 25.
- MARTINS, Manuela (1988) - *A citânia de S. Julião, Vila Verde*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Cadernos de Arqueologia, Monografias, nº 2.
- (1989) - *O Castro do Barbudo, Vila Verde*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Cadernos de Arqueologia, Monografias, nº 3.
- (1990) - *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Cadernos de Arqueologia, Monografias, nº 5. Tese de doutoramento.
- (1991) - *O povoado de Santo Ovídio (Fafe). Resultados dos trabalhos realizados entre 1980-1984*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Cadernos de Arqueologia, Monografias, nº 6.
- NAVEIRO LOPEZ, Juan L. (1991) - *El Comercio Antiguo En El N.W. Peninsular. Lectura histórica del registo arqueológico*. A Coruña: Museu arqueológico e Histórico, nº 5
- ORERO GRANDAL, Luis (1988) - *Castro Coto do Mosteiro. Campanhas 1984/85*. A Coruña: Consellería de Cultura e Deportes, Dirección Xeral do Patrimonio Histórico e Documental, Arqueoloxía / Memorias, nº 10.

- PONTE, Salete da (1982) - *A Fíbula na indumentária romana*. Arqueologia. Porto: GEAP. nº 6, p. 80-82.
- (1984) - *Fíbulas de sítios a Norte do rio Douro*. Lucerna. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, pp. 111-144.
  - (1986) - Algumas peças metálicas de necrópoles romanas dos distritos de Portalegre e de Évora. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de letras da Universidade de Coimbra, vol. XXV, p. 99-129.
- SARMENTO, Francisco Martins (1903) - Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, vol. 20, 1, 2, 3-4.
- (1992) - *Citânia, Álbum de Fotografia*. Fac-simil da 1ª edição. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, vol. 1 (1876), vol. 2 (1878).
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da; CENTENO, Rui M. S. (1980) - Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins. *Portugalia*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Nova Série, vol. I, p. 57 - 78.
- (1986ª) - *A cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. Tese de doutoramento.
  - (1986b) - Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização. *Paços de Ferreira - Estudos Monográficos*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, vol. 1, p.95 - 135.
- SILVA, Maria Antónia Dias da (1991) - *Materiais de bronze da citânia de Briteiros*. Porto: Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dactilografado.
- (1997) - *A cerâmica Castreja da Citânia de Briteiros*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. Dissertação de mestrado.
- SOEIRO, Teresa ( 1984) - *Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*. Boletim Municipal de Cultura. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 3ª Série, nº 1.